

Hildete

Hilda, mais conhecida por Hildete, era a doida oficial da família das Gonzagas, a única desambiciosa, a que não ligava a roupa nem pretendia elegância, não almejava caminhos do mundo, não tinha aquele delírio de grandeza das irmãs, perseguindo sonhos impossíveis que as levaram finalmente à desgraça.

Era talvez a mais simpática — simplória, de pé no chão quando em serviço, o busto bem feito, agressivo, mal acomodado no vestido geralmente herdado das patroas, rindo de tudo, zombando do falso grã-finismo das irmãs e laborando com a mesma eficiência, na cozinha, na copa, no tanque de lavar roupa, ou arrumando a casa.

As irmãs lhe invejavam o cabelo bom, alourado com água oxigenada. Era esta, aliás, a única vaidade permanente naquela criatura de Deus tão conformada com tudo, recebendo a pobreza e o cativoiro de viver alugada nas casas dos brancos com a pureza dos pobres de espírito, feliz com o pouco que tinha, sonhando sonhos modestos, entre os quais, inegavelmente, se incluía o casamento. Claro que o casamento estava em pauta — nunca lhe faltava um homem suspirando à barra da saia (não fora ela uma das Gonzagas, famosas pelo demônio do sexo lhes comandando o destino).

Fosse rica e branca, ninguém se atreveria a dizer que era doida — diriam na certa que era “temperamental”, que era “espontânea” e haveriam de repetir suas palavras, gestos e atitudes como excentricidades, que as gentes “bem” adorariam.

Pobre da Hilda, só tinha por si a mãe e a mocidade, não se dava conta da miséria em que fora nascida e criada, aceitava de coração leve as asperezas do mundo e, apesar dessa filosofia tão sadia, que cultivava inconscientemente, era chamada de louca, mesmo em casa.

Talvez por isso mesmo as desgraças da família não chegavam a atingi-la. Não lhe bateu a passarinha quando Judite perdeu Manoel, o noivo sapateiro, para a irmã Maria, que triunfou no matrimônio. Nem lamentou Maria, quando perdeu, mais tarde, o mesmo Manoel, para Rosa, a mais nova. Sim que sofreu quando Zé, o irmão, que era conhecido como o rei dos trepadores de coqueiros, não confirmou sua fama, caiu lá do alto e tombou na invalidez definitiva. E gostava de Pedro, o irmão caçula, que desgarrou no mundo, depois de peripécias e malaventuras com a mulher do próximo. Mas acabava apagando tudo e continuava a vidinha, comparecendo aos encontros noturnos, pois, como ficou dito, homem nunca lhe faltou.

Um deles quis trazê-la à ordem, pretendeu discipliná-la à sua maneira. Era um amarelo por nome Zé Marinho, que atendia pelo apelido de Zé Bicudo, um moço sério, que não escondia suas boas intenções. Mas o judicioso candidato não se conformava com a alegria esfuziante de Hildete, aquele jeito de desafio quando falava com os homens, as freqüências ao samba, os modos soltos, como se não tivesse freio. E era justamente aquilo que atraía os outros, o falar direto, o andar provocante, as intimidades fáceis, o constante pagode.

— Olha, Hildete, eu te aviso desde já: mulher minha pode ir uma missa.

— Então vai pra lá, Zé Bicudo, vai caçar outra moça. Eu de mim te digo que enquanto houver mundo eu danço.

Aí mesmo se desfez o namoro e Hilda Gonzaga, vulgo Hildete, perdeu casamento bom, com homem de vergonha, trabalhador e ganhador de dinheiro.

Por esse tempo casou-se a filha do Seu Mateus, um dos ricos da cidade, uma menina bonita, alvoroçada, moça de poucas letras e pouco juízo, bem novinha, já mal falada porque nas danças fuçava no cangote do parceiro. Casou com médico ou engenheiro, não sei, homem de outras terras que alguns anos depois conheceria humilhação e sofrimento pela mão da mulher.

Pois bem: pegaram Hildete como empregada — e lá se foi ela, carregada por aquela patroa-menina, tão sem modos quanto ela e talvez mais doida ainda. A cidade indagava como seria aquela família que se iniciava sob auspícios tão contraditórios: muito amor do marido, que já caminhava para a idade madura e a esposa de pouco senso, pouco amor, pouca idade, assessorada por Hilda Gonzaga.

Justamente Hilda, que não tinha ambição de outros caminhos, que não falava em conhecer terras longínquas, que adorava os galanteios municipais quando ia às compras, foi quem se atacou para viagem grande: longo tempo ficaria com a jovem patroa, por terras do sul.

Pois Hildete, a doida, a terceira que emigrou, depois de Judite e de Maria, Hildete, Gonzaga no sangue, no corpo, no desembaraço, mas tão longe das outras na ambição, teve muito o que contar daquelas andanças: sofrimento, amor, marinheiro, horas de alegria e de surpresa, doces momentos no mar, negro ladrão no seu caminho do asfalto e ameaça de polícia — e tanta estranha coisa aconteceu, tanto trabalho, tanta noite mal dormida, foi tudo tão diferente do sossego daquela casa de taipa, coberta de telha, perto do cemitério, lá no Massapê, onde veio ao mundo, que cansou e voltou.

E de torna-viagem, foi a única que se situou com marido de verdade, um que passou esponja no seu passado vadio e a aceitou como se fora nova em folha. E ainda hoje estão aí contando a estória, marido e mulher, com filha mocinha, que é a cópia da mãe e um magote de filhos homens. Sei bem que o mais velho já anda por aqui procurando emprego.